

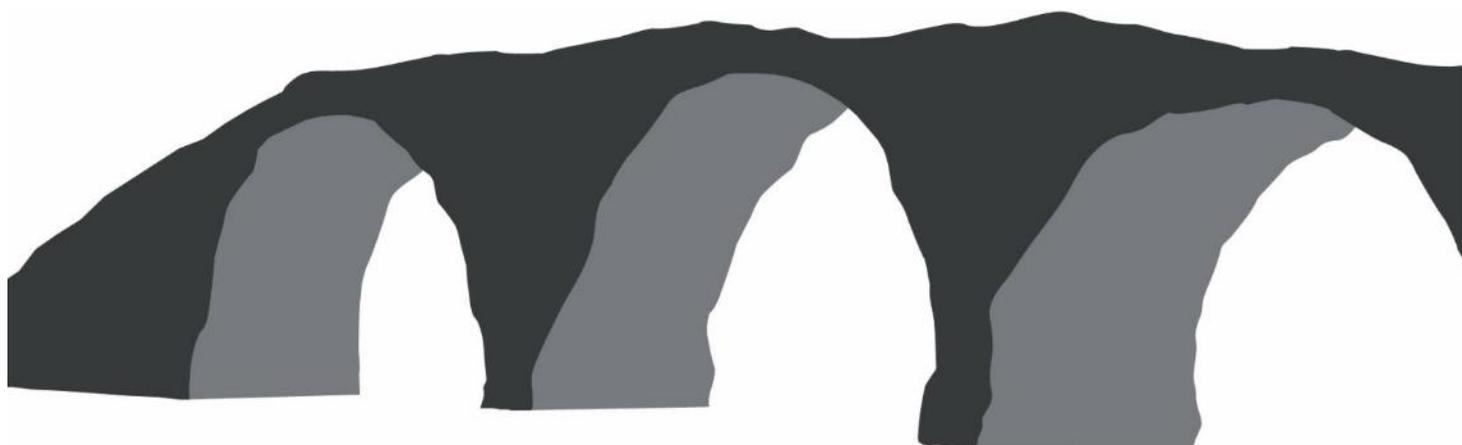
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica  
Volume 17 | Número 2 | Julho – Dezembro 2023  
ISSN 1981-5875  
ISSN (online) 2316-9699

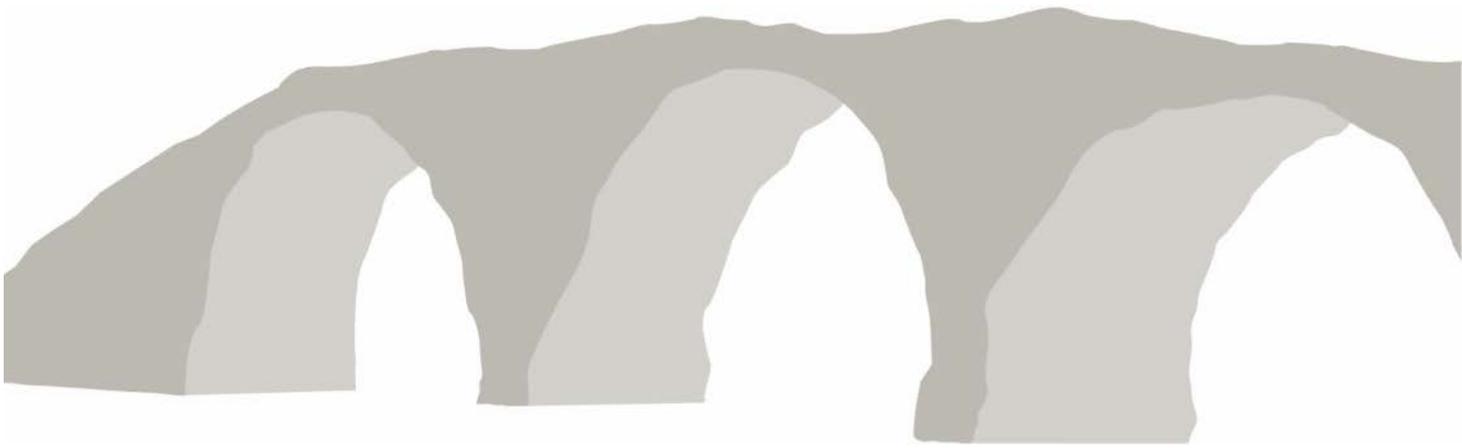
**PRÁTICAS ESPIRITUAIS ESQUECIDAS:  
MEMÓRIA PARA A RESISTÊNCIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

**PRÁCTICAS ESPIRITUALES OLVIDADAS: MEMORIA PARA LA  
RESISTENCIA DE LAS RELIGIONES AFRO-BRASILEÑAS**

**FORGOTTEN SPIRITUAL PRACTICES: RECUPERATING MEMORY IN  
SUPPORT OF THE RESISTANCE OF AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS**

Tania Andrade Lima





*Submetido em: 18/12/2022.*

*Aceito em: 16/03/2023.*

*Publicado em: 31/07/2023.*

**PRÁTICAS ESPIRITUAIS ESQUECIDAS:  
MEMÓRIA PARA A RESISTÊNCIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

**PRÁCTICAS ESPIRITUALES OLVIDADAS: MEMORIA PARA LA  
RESISTENCIA DE LAS RELIGIONES AFRO-BRASILEÑAS**

**FORGOTTEN SPIRITUAL PRACTICES: RECUPERATING MEMORY IN  
SUPPORT OF THE RESISTANCE OF AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS**

Tania Andrade Lima<sup>1</sup>

RESUMO

Sítios arqueológicos com presença de africanos escravizados e/ou de seus descendentes vêm apresentando recorrentemente evidências materiais de práticas espirituais, relacionadas às suas cosmovisões e às suas crenças nas forças da sobrenatureza, as quais regiam suas vidas, suas atividades cotidianas e suas relações com os outros. Pesquisas arqueológicas conduzidas na cidade do Rio de Janeiro vêm se deparando com 1) um surpreendente conservadorismo nos suportes físicos de algumas dessas práticas, sobretudo em ritos de iniciação, adivinhação e purificação. 2) Apesar de algumas formas terem se mantido, seus significados originais foram perdidos com o passar do tempo, tendo surgido outros em seu lugar. 3) O completo abandono de práticas muito intensas no passado, que sequer são mais lembradas hoje em dia. Ao trazer à tona o que não era mais lembrado, retomando antigos significados e expondo suas raízes profundas, a Arqueologia consegue recuperar a materialidade de partes importantes, porém esquecidas, da história das religiões de matriz africana, que foram transmitidas sobretudo pela oralidade. Diante das violentas manifestações de racismo religioso que, recrudescendo a cada dia, vem assolando seus adeptos, objetos e espaços sagrados, a Arqueologia aspira contribuir, fundada em uma perspectiva decolonial, para a recuperação da sua ancestralidade e memória, para o respeito e valorização das suas crenças, e, por conseguinte, para a sua multissecular resistência.

**Palavras-chave:** Arqueologia da Diáspora Africana, práticas espirituais, religiões afro-brasileiras.

---

<sup>1</sup> Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista, s/nº, São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ - CEP 20940-040. Pesquisadora Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Membro do Conselho Científico do Quilombo da Pedra do Sal.

E-mail: [talima8@gmail.com](mailto:talima8@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0500-6028>

## RESUMEN

Los sitios arqueológicos con presencia de africanos esclavizados y/o sus descendientes frecuentemente presentan evidencias materiales de prácticas espirituales, relacionadas con sus cosmovisiones y sus creencias en fuerzas sobrenaturales, que regían sus vidas, sus actividades cotidianas y sus relaciones con los otros. Investigaciones arqueológicas llevadas a cabo en la ciudad de Río de Janeiro se han encontrado con 1) una conservación sorprendente de los soportes físicos de algunas de esas prácticas, especialmente de ritos de iniciación, adivinación y purificación. 2) A pesar de que algunas formas se han mantenido, sus significados originales se han perdido a lo largo del tiempo, surgiendo otros en su lugar. 3) El abandono completo de prácticas muy intensas en el pasado, que hoy en día ni siquiera son recordadas. Al sacar a la luz aquello que no es más recordado, retomando significados antiguos y exponiendo sus raíces profundas, la Arqueología consigue recuperar la materialidad de una parte importante, aunque olvidada, de la historia de las religiones de origen africano, que se transmitieron principalmente a través de la oralidad. Frente a las violentas manifestaciones de racismo religioso que, al aumentar cada día, azotan a sus adeptos, objetos y espacios sagrados, la Arqueología aspira a contribuir, desde una perspectiva decolonial, a la recuperación de su ancestralidad y memoria, al respeto y valorización de sus creencias y, por lo tanto, a su resistencia histórica a través de los siglos.

**Palabras clave:** Arqueología de la Diáspora Africana, prácticas espirituales, religiones afro-brasileñas.

## ABSTRACT

Archaeological sites associated with enslaved Africans and/or their descendants have recurrently presented material evidence of spiritual practices, related to their cosmovisions and to their beliefs in the supernatural forces that governed their lives, their everyday activities, and their relations with others. Archaeological research conducted in the city of Rio de Janeiro has revealed: 1) a surprising conservatism in the physical supports of some of these practices, especially in initiation, divination and purification rites; 2) the fact that although some forms were maintained, their original meanings were lost over time with other meanings emerging in their place; 3) the complete abandonment of once highly intense practices, which today are not even remembered. By bringing to the surface what was no longer remembered, recuperating ancient meanings and exposing their deep roots, Archaeology can recover the materiality of important but forgotten elements of the history of Afro-Brazilian religions that were primarily transmitted orally. Violent manifestations of religious racism have recently become increasingly resurgent, assailing the followers, objects and sacred spaces of these religions. Given this fact, Archaeology, founded on a decolonial perspective, aspires to contribute to the recuperation of their ancestry and memory, the respect for and valorization of their beliefs, and, consequently, their resistance across the centuries.

**Keywords:** Archaeology of African Diaspora, spiritual practices, Afro-Brazilian religions.

## INTRODUÇÃO

Pesquisas arqueológicas conduzidas ao longo das duas últimas décadas no centro da cidade do Rio de Janeiro, em quinze sítios datados dos séculos XVIII e XIX<sup>2</sup>, vêm recuperando evidências de práticas espirituais de africanos escravizados e seus descendentes. Face à expressividade desses achados, entendemos que deveriam ser convidados religiosos de matriz africana, de diferentes linhas<sup>3</sup>, a integrar as pesquisas, com vistas a tomarem conhecimento do que estava sendo encontrado e, sobretudo, para assumirem o protagonismo da interpretação dos achados.

Embora seja de todos conhecido o dinamismo das religiões afro-brasileiras, enraizadas na espiritualidade, vem sendo observado pela Arqueologia um inusitado e surpreendente conservadorismo na materialidade dessas práticas, em suportes físicos que se mantiveram inalterados através dos séculos, apesar das transformações pelas quais essas religiões passaram e continuam passando.

Nas nossas pesquisas, nós estamos nos deparando com três situações: em primeiro lugar, com essa notável continuidade material; em segundo, em alguns casos, com o fato de que, a despeito de algumas formas terem se mantido, seus significados originais foram perdidos com o passar do tempo, tendo outros surgido em seu lugar; e, por fim, com algumas práticas que parecem ter sido completamente abandonadas e não são mais sequer lembradas, apesar de terem sido muito intensas no passado, como se verá a seguir.

Os africanos que aqui chegaram escravizados eram em sua grande maioria ágrafos, dominando sistemas de comunicação gráficos mas não a escrita. Por conseguinte, memória, para os seus descendentes, é um domínio extremamente sensível, alcançando somente algumas poucas gerações. Tal como apontado anteriormente (Lima & Ribeiro Jr., 2021), suas crenças e tradições foram transmitidas apenas oralmente, e, nesse processo, muito se perdeu de suas práticas culturais e espirituais. A Arqueologia, contudo, tem condições de resgatar ao menos parte da materialidade que se perdeu ou que foi esquecida, e, desta forma, contribuir para a memória, reconstituição da ancestralidade, valorização e fortalecimento das religiões afro-brasileiras, alvo de toda sorte de manifestações violentas de racismo religioso contra seus adeptos, objetos e espaços sagrados. Esta é considerada aqui como uma das mais importantes missões da arqueologia da diáspora africana, em face dos seus achados: dar a sua contribuição, pequena que seja, para a resistência histórica, multissecular, dessas religiões.

---

<sup>2</sup>Escavações realizadas nos terrenos dos edifícios do Ministério Público do RJ, Academia Nacional de Medicina, Lâminas IV e V do Tribunal de Justiça, nas ruas Buenos Aires, Visconde de Inhaúma, Lavradio, Marrecas, Riachuelo, Assembleia, Presidente Vargas (dois), e ainda no Cais do Valongo, em Trapiches na Rua Sacadura Cabral, e no Hospital Escola São Francisco de Assis.

<sup>3</sup> Mãe Meninazinha de Oxum, ialorixá do candomblé, nascida em 1937, em Salvador, e iniciada em 1960, é herdeira de Iyá Davina, com raízes na alta linhagem do candomblé da Bahia.

Mametu Idaobá Celina de Xangô, mãe de santo da umbanda e presidente do Centro Cultural Pequena África.

Prof. Fernandes Portugal, babalawô da tradicional religião iorubá, honrado com o certificado Egbé Lógun Ede 'Ni Ifon, em Òyó, Nigéria.

Mãe Edelzuíta de Oxaguian, nascida em 1935 e iniciada aos nove anos. É a quarta filha mais velha de sua mãe de santo, a venerada e mítica Mãe Menininha do Gantois, da Bahia, uma das mais respeitadas ialorixás do Brasil. Com longa tradição no candomblé, Mãe Edelzuíta se considera uma guardiã dos princípios da sua religião.

### CONSERVANDO

Uma mesma materialidade vem sendo mantida através dos séculos em algumas práticas rituais do candomblé no Rio de Janeiro, que se supunha introduzidas apenas no início do século XX. Um exemplo dessa conservação foi o achado de um pequeno crânio humano de cerâmica, com engobo vermelho e pintura corporal branca (Figura 1) no sítio Assembleia, datado dos séculos XVII/XVIII<sup>4</sup>. Tendo essa peça nos causado forte impressão, decidimos submetê-la à apreciação da conceituada *ialorixá* Mãe Edelzuita de Oxaguian, para que ela a conhecesse e identificasse.

Quando o pequeno crânio lhe foi apresentado, a religiosa permaneceu algum tempo em silêncio, examinando-o cuidadosamente. Em seguida disse, com absoluta segurança, que não se tratava de um crânio, mas de uma cabeça raspada, que tem muita força e energia. Segundo ela, representa o ritual de iniciação de uma pessoa no candomblé, ocasião em que a cabeça é depilada e pintada de branco com *efun*. A faixa é um caminho que tem dois sentidos, o da vida e o da morte. Ainda segundo ela, as pequenas incisões feitas nas têmporas são marcas tribais africanas (Figura 2).



Figura 1. Cabeça de cerâmica pintada recuperada no Sítio Assembleia, ponto de encontro de escravizados no centro do Rio de Janeiro, datado dos séculos XVII/XVIII (Lima, 2016). Fotos: Orlando Grilo.

<sup>4</sup> Achado descrito anteriormente em Lima, 2016.



Figura 2. Ritual de iniciação de uma iaô no candomblé Ketu. Disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Iniciação\\_é\\_um\\_rito\\_de\\_passagem](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Iniciação_é_um_rito_de_passagem). Acesso em 08/11/2022.

De fato, é impressionante a semelhança. Por coincidência, no ano em que a Escola de Samba da Mangueira desfilou com o enredo “A menina dos olhos de Oyá”, em 2016, sua porta-bandeira se apresentou caracterizada como uma iaô, ou seja, uma iniciada. Mais uma vez, a similitude com a cabeça dos séculos XVII/XVIII é notável (Figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4. Desfile de porta-bandeira e mestre-sala da Escola de Samba da Mangueira, com o enredo “A menina dos olhos de Oyá”. Disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/02//truque-faz-porta-bandeira-da-mangueira-desfilar-careca.html>. Acesso em 08/11/2022.

Trata-se, portanto, de um rito que a arqueologia está mostrando ser praticado no Rio de Janeiro há pelo menos três séculos, cujo suporte material, nesse caso, o corpo e sua pintura corporal, se manteve inalterado ao longo de todo esse tempo. Isso dá a essa prática uma profundidade temporal até então unsuspeita, porquanto sempre se supôs que o candomblé foi introduzido no Rio apenas no início do século XX, trazido da Bahia pelos iorubás, por ocasião da chamada diáspora baiana.

Outro ritual cuja profundidade temporal foi recuada pela arqueologia em pelo menos dois séculos é a prática divinatória do Ifá, surgida entre os iorubás da Nigéria. Trazida para o Brasil na circunstância da diáspora, é conhecida vulgarmente como o *jogo dos búzios*. Valvas dessa espécie de molusco (*Monetaria moneta*) foram encontradas nos sítios Riachuelo (Lima, 2020), Trapiche da Pedra do Sal (Lima *et al.*, 2022), e Cais do Valongo (Lima *et al.*, 2014), não apenas íntegras, mas também “abertas”, ou seja, com a protuberância dorsal cortada (Figura 5).



Figura 5. Valvas de búzios (*Monetaria moneta*) encontradas no Cais do Valongo, tanto íntegras quanto com a protuberância dorsal cortada, configurando a prática divinatória do Ifá. Fotos: Tania Andrade Lima.

Essa espécie não ocorre no Brasil e é onipresente tanto no universo profano quanto sagrado dos africanos. Suas valvas, utilizadas na África como moeda corrente e como adereços, são colocadas particularmente em objetos devocionais, simbolizando força, sabedoria e poder. Nas religiões afro-brasileiras, os búzios integram, com destaque, ritos de iniciação (ver Figura 2) e também assentamentos dos orixás.

No caso da prática divinatória, Orunmilá, o orixá da sabedoria e da adivinhação que rege o destino das pessoas, coadjuvado por Exu, o mensageiro dos deuses, transmite a quem faz a consulta ao oráculo os desejos e as orientações das entidades, através desse sistema de comunicação. Seus porta-vozes são os babalaôs, sacerdotes do culto ou “aqueles que possuem o segredo”, além dos babalorixás e ialorixás. O fato de terem sido encontradas pela arqueologia valvas não apenas íntegras, “fechadas”, mas também “abertas”, ou seja, cortadas, segundo se diz, para “extrair o segredo”, permite supor que, já no século XIX, há dois séculos, portanto, o culto de Ifá já era praticado no Rio. Seu suporte material da mesma forma se manteve inalterado por todo esse tempo.

Um outro tipo de artefato que vem sendo recorrentemente encontrado em sítios urbanos da cidade com presença de escravizados são os defumadores de barro, de pequeno porte (Figura 6). Esses objetos cumprem hoje em dia uma importante função ritual nas religiões afro-brasileiras, sendo utilizados para a defumação de ervas, uma prática sempre presente em seus ritos (Figura 7). Segundo suas crenças, a defumação de ervas libera a energia contida nos vegetais selecionados, sendo capaz de neutralizar ou afastar forças negativas.



Figura 6. Defumadores de cerâmica recuperados nas escavações do terreno da Academia Nacional de Medicina. Fotos: Tania Andrade Lima.



Figura 7. Ritual de purificação conduzido no Cais do Valongo, com defumação de ervas. Fotos: Andrea Jundi.

Formas recuperadas em sítios dos séculos XVIII e XIX ainda são oferecidas à venda hoje em dia (Figura 8); outras, que aparecem na obra de Debret, na primeira metade do século XIX, podem ser encontradas igualmente à venda, em lojas de artigos religiosos (Figura 9), mostrando uma longa e impressionante perduração desses ritos e seus suportes materiais.



Figura 8. Acima, defumadores com a boca do braseiro recortada em forma de M recuperados no terreno da Academia Nacional de Medicina. Fotos: Tania Andrade Lima. Embaixo: defumadores com a mesma boca em M, à venda no Bazar Espaço dos Orixás, Rio de Janeiro, oferecidos em dois tamanhos: 15 cm x 14,5 cm e 11,5 x 12,5 cm. Disponível em <http://bazarespacosorixas.blogspot.com.br>. Acesso em 24 de janeiro de 2016.



Figura 9. À esquerda, estampa de Debret, de 1840 (Bandeira e Lago, 2009), incluindo representação de um defumador de barro, com abertura triangular na base; à direita, exemplar semelhante oferecido atualmente à venda, porém sem as alças, no mercado de artigos religiosos. Disponível em <https://www.pordosolexpansao.com.br/defumador-de-barro>. Acesso em 08/11/2022.

Não foi possível saber se as diferentes formas que as bocas dos braseiros possuíram no passado tiveram algum significado, nem tampouco se isso ocorre na atualidade. Senão que os oleiros que os produzem hoje em dia estão mantendo uma tradição multissecular, provavelmente desconhecendo a antiguidade dessas formas.

Nos três casos descritos acima trata-se de rituais regulares - respectivamente de iniciação, adivinhação e purificação - o que atesta um formalismo dessas práticas, já configurado nos séculos XVIII e XIX.

## ESQUECENDO

Se, por um lado, algumas práticas rituais foram transmitidas oralmente de geração a geração, através dos séculos, e seus suportes materiais permaneceram surpreendentemente inalterados, por outro, significados de símbolos muito importantes parecem ter sido esquecidos. É o caso do conhecido e discutido cosmograma BaKongo, o *dikenga*, que sintetiza a cosmovisão desse povo bantu da África Centro-ocidental, para quem o tempo é concebido de forma circular, de tal modo que não tem início nem fim (Fu-Kiau, 1994) (Figura 10). Representações esquemáticas desse cosmograma aparecem recorrentemente em artefatos atribuídos a africanos escravizados nas Américas (Ferguson, 1992, 1999; Ruppel *et al.*, 2003; Fennell 2003; Joseph 2011; Fennell, 2011; Steen, 2011; Gundaker, 2011), e, mais particularmente, no Brasil, onde as primeiras informações sobre a sua ocorrência e significado foram dadas por Souza (2000) e por Symanski (2007).

Fu-Kiau, pensador congolês, debruçou-se em profundidade sobre a filosofia BaKongo, devendo-se a ele todo o conhecimento que chegou até nós a esse respeito. Fu-Kiau tem formação em sistemas tradicionais africanos, sendo sacerdote (iniciado) nas tradições dos povos Bantu-Kongo. Mas também acadêmica, obtida nos Estados Unidos, onde transitou pelas áreas de antropologia cultural, educação, biblioteconomia e desenvolvimento comunitário. Ele é M. Ed, M.S e PhD em Educação e Desenvolvimento Comunitário pelo Union Institute, de Cincinnati, Ohio, e *lecturer* na Yale University e na Tufts University, em Massachusetts (Fu-Kiau, 2003), tendo publicado vários livros e artigos sobre práticas diversas e a visão de mundo BaKongo (Fu-Kiau, 1994, 2000, 2001, 2003, 2006, entre outros). À sua obra tiveram acesso Robert Farris Thompson, historiador de arte na Yale University recentemente falecido, e o antropólogo centro-africanista Wyatt MacGaffey, dedicado a sistemas de pensamento BaKongo, que a disseminaram entre os pesquisadores da diáspora africana (Thompson & Cornet, 1981; Thompson, 1984; MacGaffey, 1986).

Expondo aqui de forma simplificada o que é extremamente complexo e intrincado, segundo essas fontes os BaKongo cultuam de vários modos seus ancestrais, onipresentes em suas vidas. Possuem um rico e diversificado conjunto de representações do cosmos, que são expressos de forma ideográfica e aparecem nos mais diferentes suportes materiais. Entre eles, o cosmograma abaixo, que apresenta o significado dos movimentos do sol em torno da terra e o forte impacto que eles têm no seu sistema de pensamento.

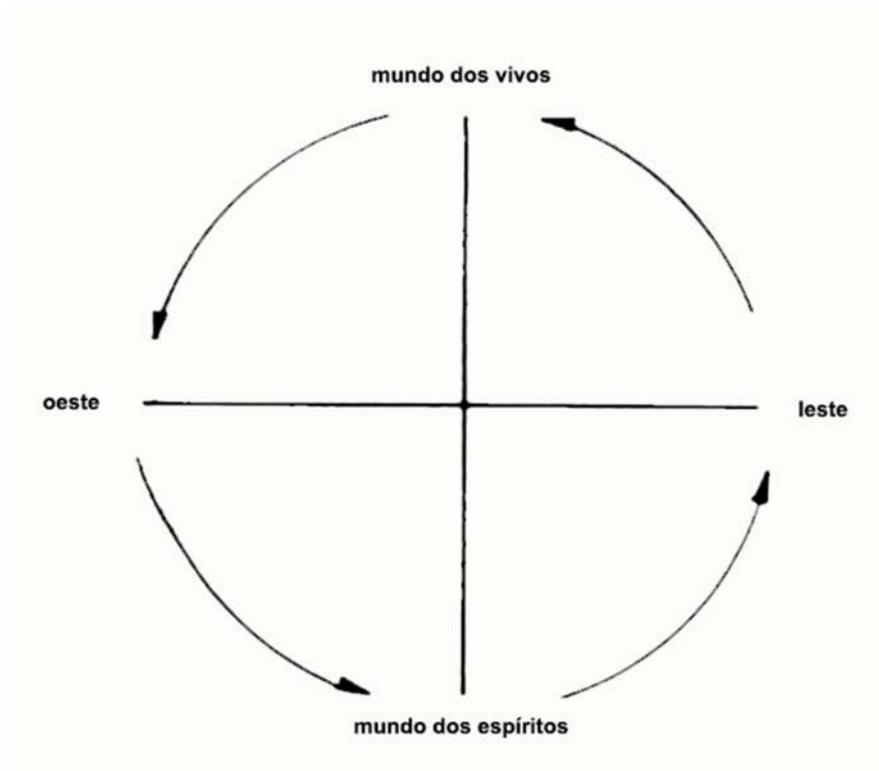


Figura 10. Os quatro momentos do sol do cosmograma BaKongo.

Esférico, ele representa, tal como explicado por Fu-Kiau (2001), o mundo dos vivos e o dos mortos, respectivamente a metade superior e inferior da esfera, entendidas como duas montanhas que se opõem, espelhando-se, separadas por uma barreira d'água, a linha horizontal, que corresponde ao oceano, a *kalunga*. À sua volta estão os quatro momentos do sol e a rica simbologia que lhes é atribuída, em seu percurso sobre a terra. Ele nasce no mundo dos vivos a cada dia no leste, alcança seu apogeu ao meio-dia, no zênite, para se pôr ao entardecer, no oeste. Continuando sua jornada, agora noturna, ilumina inversamente o mundo dos mortos, alcança o nadir à meia-noite, opondo-se ao zênite, para novamente renascer na aurora de um novo dia. Essa viagem é incessante, se repete cíclica e indefinidamente, sendo o pôr do sol apenas uma transição para o renascimento, de tal forma que a vida não tem fim, morrendo e renascendo continuamente. Visível ou invisível, o sol sempre brilha.

O ser humano (ou comunidade ou sociedade) é um segundo sol, que surge, passa pelo processo de crescimento e amadurecimento até alcançar a plenitude e ficar verticalmente entre a terra e o céu, entre o mundo superior e o inferior, correspondendo ao momento presente, para então decair e adentrar o mundo dos ancestrais (Fu-Kiau, 2003). Para tanto, tem que atravessar a linha horizontal da *kalunga*, a imensidão do oceano, porta de entrada e saída entre os dois mundos (Fu-Kiau, 2001). Ao cruzar essa barreira e adentrar o mundo inferior, que corresponde ao passado, o espírito atinge, no nadir, o conhecimento das coisas mais profundas. Depois de acumular potencialidades espirituais, morais, intelectuais e genéticas, a dualidade alma-mente está pronta para renascer, de modo a surgir novamente no mundo superior. Os mortos não estão mortos, estão apenas aguardando além da barreira seu provável retorno ao mundo físico (Fu-Kiau, 2001).

O cosmograma, que sumariza todos os ensinamentos Bakongo, reafirma seu sistema de classificação fortemente dualista, que ordena o universo à sua volta em torno de pares que, ao mesmo tempo em que se

opõem, se complementam, como mundo dos vivos/mundo dos mortos, visível/invisível, em cima/embaixo, aurora/crepúsculo, direito/ esquerdo, terra/água, criação/destruição, masculino/feminino, força/fragilidade, e assim por diante. Nele coexistem, onipresentemente, os dois mundos.

O *dikenga* é representado em sua forma mais pura como uma cruz equilátera inscrita em um ou dois círculos; e, na versão mais simplificada, apenas por uma cruz ou por um X incisos ou recortados em objetos que aparecem em sítios arqueológicos relacionados à diáspora. Eles foram encontrados nos mais diversos suportes materiais atribuídos aos escravizados: em discos de madeira (Figura 11), em um cachimbo de barro, na base de vasilhames de cerâmica e de tigelas de louça, em um fragmento de faiança fina inglesa recortado precisamente na forma do cosmograma, no cabo de uma colher, em cabos de madeira (Figura 12), em uma vértebra de mamífero marinho que apresenta marcas de ter sido utilizada como suporte para alguma prática ritual. Essa peça tem evidências de queima e sulcos no centro, onde algo parece ter sido processado em pequena quantidade, sob a proteção da cruz (Figura 13)<sup>5</sup>.



Figura 11. Em frente e verso, dois pequenos discos de madeira com a cruz equilátera incisa, encontrados no Cais do Valongo. Fotos: Orlando Grilo.

<sup>5</sup> Achado descrito anteriormente em Lima, 2016.



*Figura 12. Representações do cosmograma BaKongo em diferentes objetos recuperados no Cais do Valongo: fragmentos de vasilhames cerâmicos, fundo de uma tigela de louça, cachimbo de barro, cabo de talher de osso, cabo de colher de estanho e ficha de jogo de faiança inglesa. Fotos: Tania Andrade Lima.*



*Figura 13. Vértebra de mamífero marinho, na sua quase totalidade com o osso esponjoso exposto; no detalhe, representação da cruz em pequena porção remanescente do osso compacto. Foto: Tania Andrade Lima.*

Um objeto de grande interesse é um pequeno crucifixo, sem o Cristo, no qual foi primorosamente entalhada, no verso, a cruz equilátera BaKongo, testemunhando a adesão dos africanos escravizados ao cristianismo, mas sem abandonar os princípios cosmológicos BaKongo (Figura 14). Trata-se de um artefato de aspecto rudimentar, mas na verdade extremamente elaborado. Nele foram embutidos pequeninos círculos, quadrados e retângulos de diferentes tipos de madeiras, de dimensões milimétricas, que exigiram entalhes

prévios para a sua inserção, configurando uma marchetaria de aspecto tosco, mas que requereu excepcional habilidade e grande investimento para a sua confecção. Isto nos permite supor um significado especial para esse artefato, em razão da sua excepcionalidade.



Figura 14. Frente e verso de pequeno crucifixo de madeira, sem o Cristo, em elaborado trabalho de marchetaria, não obstante sua aparente rusticidade. No verso, a cruz equilátera dos BaKongo produzida com um rebaixo na madeira. Foto: Orlando Grilo. Desenho: Felipe Martins.

No desenrolar da pesquisa, observamos no corpo da *Mametu Idaobá Celina de Xangô*, da linha de Angola, cruzes equiláteras escaficadas nas suas costas, peito e tornozelo (Figura 15). Indagada sobre o seu significado, ela nos respondeu que se tratava de “uma cura, a marca do orixá, marca de proteção, de resguardo, É uma cura para livrar de doenças e do mal”, claramente desconhecendo seu significado ancestral.



Figura 15. A cruz equilátera escaficada no peito e nas costas da *Mametu Idaobá Celina de Xangô*, associada a sete linhas verticais. Fotos: à esquerda, Tania Andrade Lima; à direita, Andrea Jundi.

Foi então que, nessa circunstância, a Arqueologia entendeu que deveria fazer uma retribuição em agradecimento a todos os conhecimentos que nos foram generosamente transmitidos, apresentando à mãe de

santo, e, por extensão, ao povo de santo, a cosmovisão dos antepassados congolezes, fixada com cruzeiros e Xs, nos mais diversos objetos recuperados pela Arqueologia, trazendo de volta o que o tempo apagou da sua memória coletiva (Figura 16).



Figura 16. Apresentação do cosmograma BaKongo à Mametu Idaobá Celina de Xangô, e do significado da cruz equilátera para os antepassados vindos do Congo e de Angola, no século XIX. Foto: Andrea Jundi.

Contudo, muito maior e mais importante que nossa pequena contribuição, foi a vinda do próprio Dr. Fu-Kiau ao Brasil, mais precisamente a Salvador, em 1997, para participar do Encontro Internacional de Capoeira Angola (Figura 17). Na condição de ilustre convidado, ele veio para falar do “nascimento do mundo da capoeira na terra Congo”, e, nessa ocasião, os que o ouviram tiveram contato com a filosofia Bantu e os significados do *dikenga*.

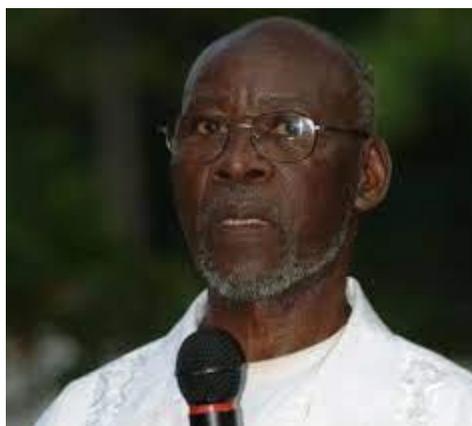


Figura 17. Palestra do Dr. Benseki Fu-Kiau ministrada em Salvador, em 1997. Disponível em <http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/05/palestra-do-dr-fu-kiau-salvador-1997.html>. Acesso em 19/11/2022.

Como resultado dessa visita, começaram a ser divulgados aqui no Brasil, pela internet, há cerca de uma década, traduções de pequenos textos dele feitos pela educadora Valdina de Oliveira Pinto, mais conhecida pelo seu cargo religioso como *Makota* Valdina; artigos (França, 2021), monografia (Pereira, 2020) e tese de doutorado sobre sua obra (Santos, 2019), bem como comentários sobre sua passagem pela Bahia com a transcrição das suas falas, em sites voltados para o povo de santo<sup>6</sup>. Dessa forma vem sendo bem difundida a cosmovisão BaKongo entre alguns praticantes das religiões afro-brasileiras. A contribuição da arqueologia, no caso, está sendo a de apontar sua forte penetração no Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX, expressada graficamente nos mais variados objetos da vida cotidiana, como resultado das levas maciças de centro-africanos trazidos para a cidade na circunstância da diáspora. Do cosmograma e seu significado, este último esquecido, sobreviveu apenas, como vaga reminiscência, a representação formal da cruz equilátera em práticas atuais, séculos depois.

Além das cruzes e dos Xs, chamou nossa atenção a impressão de espirais em objetos atribuídos aos escravizados. Ocorre que entre os BaKongo a jornada do sol é representada por uma espiral, símbolo cosmológico. Ela é a força vital que emana da entidade criadora e rege os seres vivos em um movimento espiralado, mostrando que a vida não tem princípio nem fim, é eterna. (Fu-Kiau, 1994).

Elas aparecem em cerâmicas deixadas na cor natural do barro, feitas através de incisões na pasta ainda mole. Uma dessas peças, uma miniatura de vasilhame cerâmico que apresenta a espiral na base, sugere sua conexão com o domínio do sagrado (Figura 18). Um outro fragmento, cuja superfície foi escurecida, apresentou uma espiral feita com a técnica de excisão, não identificada anteriormente em materiais históricos que aparecem no Brasil<sup>7</sup>: nela, ao contrário da incisão, a pasta ainda fresca foi retirada do entorno da forma que se desejava obter, deixando-a em relevo, o que requer grande habilidade artesanal (Figura 19).

---

<sup>6</sup> <http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/05/palestra-do-dr-fu-kiau-salvador-1997.html>. Acesso em 19/11/2022.  
<http://www.campodemandinga.com.br/2011/08/palestra-do-dr-fu-kiau-salvador-1997.html>. Acesso em 19/11/2022.

<sup>7</sup> Temos conhecimento da ocorrência dessa técnica apenas na cerâmica pré-colonial marajoara.



Figura 18. À esquerda, fundo de vasilhame cerâmico em miniatura, marcado com uma espiral. À direita, a espiral incisa em fragmento de vasilhame cerâmico. Recuperados no Cais do Valongo. Fotos: Tania Andrade Lima.



Figura 19. Fragmento de vasilhame cerâmico com superfície escurecida e espiral produzida com a técnica da excisão. Recuperado no Cais do Valongo. Foto: Tania Andrade Lima.

Se, nos suportes cerâmicos, era preciso confeccionar o motivo da espiral, ele podia ser fácil e fartamente encontrado em faianças portuguesas no Rio de Janeiro setecentista. Elas ofereciam o símbolo já pronto e acabado, com um forte apelo visual produzido pela cor azul sobre o fundo branco. Essa faiança foi apropriada para a produção do que parece se tratar de um amuleto, proporcionando aos centro-africanos escravizados – pronto, acabado e fixado a um material resistente e visualmente atraente - o símbolo da vida. Isso tornou quase inevitável uma nova, inesperada e surpreendente forma de apropriação dessa louça, portando um riquíssimo significado partilhado apenas pelos iniciados, e ignorado pela sociedade envolvente.

Fragments dessa faiança portuguesa recortados em forma de gota ou triangular, tendo ao centro a espiral, vêm sendo encontrados em alguns sítios no centro histórico carioca. Nas escavações arqueológicas realizadas no Paço Imperial por ocasião do restauro do edifício promovido pelo Iphan, na década de 1980, foi encontrada a primeira dessas peças. Analisando esse acervo, sob a guarda do Museu Nacional, levantamos à época a hipótese de se tratar de uma modificação feita por africanos escravizados, em razão de um asterisco escarificado no verso do fragmento (Figura 20), ele mesmo também uma representação gráfica do cosmograma BaKongo, como viríamos a saber posteriormente. Contudo, por se tratar, naquela ocasião, apenas de uma suspeita, sem

possibilidades de comprovação, decidimos aguardar mais elementos que favorecessem essa possível interpretação.

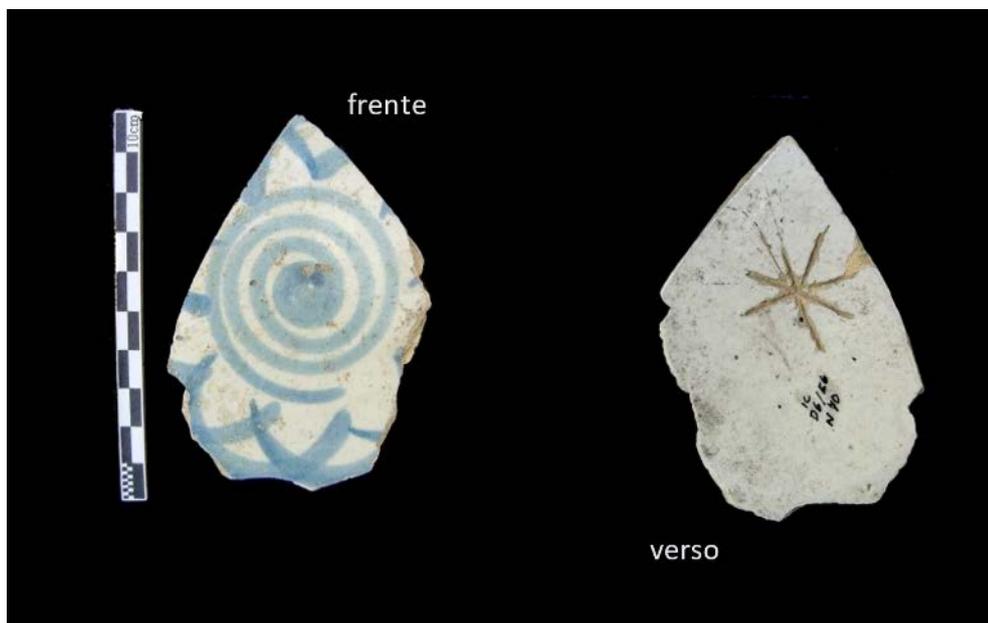


Figura 20. Fragmento de faiança portuguesa com motivo da espiral, recortado na forma de gota, com um asterisco escarificado no verso. Proveniência: Paço Imperial. Foto: Tania Andrade Lima.

Em escavações posteriores, realizadas entre 2013 e 2016 nos sítios Marrecas e Assembleia, localizados no centro histórico carioca nas proximidades do Paço Imperial, foram encontrados novos exemplares de espirais em fragmentos de faiança portuguesa triangulares ou em forma de gota, confirmando a hipótese levantada inicialmente (Figuras 21 e 22). Houve uma clara intenção de se recortar a louça portuguesa nessas formas, tendo sempre como centro a espiral. Isto foi feito com sucesso em alguns casos, porém outros parecem ter sido mal sucedidos na busca por algo que aparenta ter sido muito importante para quem obstinadamente se empenhou em reproduzir esse modelo<sup>8</sup>.



Figura 21. Fragmentos de faiança portuguesa com o motivo da espiral, recortados em forma de gota, com a espiral no centro. Proveniência: Sítio Marrecas. Foto: Tania Andrade Lima.

<sup>8</sup> Achados descritos anteriormente em Lima, 2016.

A peça encontrada no Paço Imperial (Figura 20) contém em si um dualismo. É composta, de um lado, por uma espiral; e de outro, por um asterisco, em frente e verso. Em oposição, eles se complementam, constituindo uma totalidade, em consonância com a visão de mundo BaKongo.

Esses símbolos, além de dar aos centro-africanos a força espiritual de que tanto necessitavam, parecem ter atuado como elos identitários na circunstância da diáspora, apagando-se paulatinamente e mergulhando no esquecimento com a progressiva criouliização, como parece atestar a sua inexistência em sítios arqueológicos posteriores à abolição. Embora tão intensos nos séculos XVIII e XIX, as cruces, Xs, espirais e asteriscos dos BaKongo acabaram esquecidos, nos tempos que se seguiram, pelos seus numerosos descendentes.

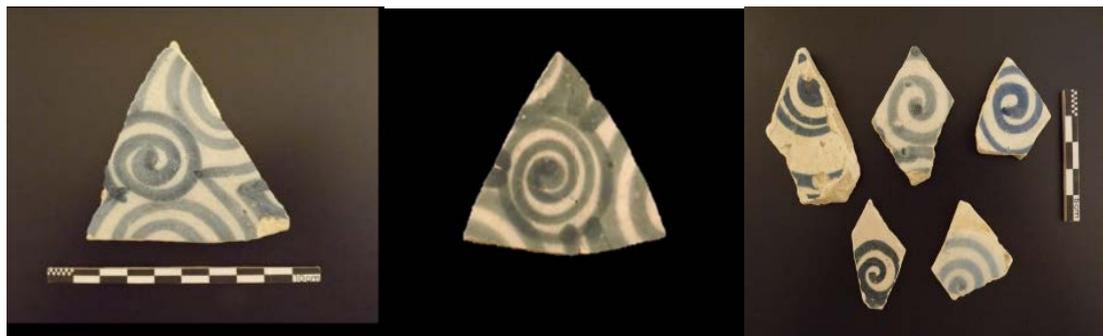


Figura 22. Fragmentos de faianças portuguesas com o motivo da espiral, recortados em forma de triângulos, com a espiral no centro. Proveniência: Sítio Assembleia. Fotos: Tania Andrade Lima.

#### ABANDONANDO

Entre as práticas espirituais que parecem ter sido completamente abandonadas e sequer são mais lembradas, embora tenham sido também muito intensas no passado, está a inserção de pedras de poder e devoção, sobretudo seixos e blocos de quartzo, em alicerces de construções, sempre abaixo do piso de edificações (próximo a portas de entrada, cantos de cômodos, batentes de portas), em caminhos e encruzilhadas, invocando forças sobrenaturais para fins de cura e proteção, mas também para feitiços e malefícios.

Achados dessas ocorrências são frequentes na arqueologia dos Estados Unidos, onde são entendidas como manifestações de *hoodoo*, uma variante de práticas espirituais derivadas da África Ocidental e Centro-ocidental, que invocam e manipulam o mundo espiritual para afetar os vivos (Samford, 2000, Chireau, 2006). No Brasil, foram feitos achados desse tipo por Symanski (2007, 2016), Gordenstein (2016) e também por nós, na Pequena África, no Rio de Janeiro, no território do Quilombo da Pedra do Sal (Lima & Ribeiro, 2020), a saber: seixos de quartzo inseridos em alicerces onde eles são de todo estranhos ao seu sistema construtivo; no canto de cômodos e em espaços liminares, de passagem de um lugar a outro. Abaixo de um piso de tabuado, onde foi encontrado um bloco de quartzo associado a uma pedra negra e a uma ametista, descrita por João do Rio, no início do século XX, como a “pedra da magia”<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Achados descritos anteriormente em Lima & Ribeiro Jr., 2021.

Esses achados mobilizaram consideravelmente a comunidade quilombola da Pedra do Sal, que conta com um conselho de religiosos. Ela entende que é a guardiã natural desses achados, os quais lhe pertencem porquanto foram depositados pelos seus antepassados, constituindo práticas ancestrais. Por conta disso, iniciaram um movimento para reivindicar a guarda compartilhada dos objetos devocionais encontrados dentro do seu território, perante a Prefeitura, o Ministério Público Federal, e o IPHAN. Fundamentam-se na Carta de Lausanne, que recomenda a conservação do patrimônio arqueológico no seu contexto original, com o engajamento e participação da população local, sendo aconselhável confiar a responsabilidade da sua proteção às comunidades descendentes. Eles já contam com uma casa, que receberam por decisão judicial, na qual pretendem instalar seu centro de memória, expondo as peças arqueológicas que testemunham as práticas espirituais dos seus ancestrais. Em seu ponto de vista, o poder público não é indicado para deter a sua guarda, pois essas peças precisam de tratamento espiritual, o que não está acontecendo. Há uma firme disposição do Quilombo da Pedra do Sal de seguir adiante com a reivindicação do seu patrimônio arqueológico.

### CONCLUINDO

A política de dominação da empreitada colonial, fundada na negação, submissão e aniquilamento do Outro, por ela inventado como contraponto para reforçar a si própria, como bem destacou Fernandes (2017), fincou fundo as raízes do racismo. No processo de descolonização dos antigos impérios, essa política foi reformulada com novas e revigoradas formas de opressão, de modo a continuar mantendo sua supremacia. Com isso, agudizou-se ainda mais a intolerância e o ódio racial contra aqueles que, diferentes, ela cuidou de manter na subalternidade, sem voz e sem poder.

A intolerância aos sistemas de pensamento, às cosmovisões, às epistemologias alternativas dos colonizados produziu a denegação e invalidação dos seus saberes e crenças, essas últimas consideradas rudimentares, brutais e eivadas de superstições. Assim foram consideradas no Brasil, desde os tempos coloniais, as práticas espirituais dos africanos escravizados, entendidas e temidas pelos segmentos envolventes como feitiçaria, magia negra, bruxaria (Maggie, 1992). Essa condição gerou toda sorte de perseguições contra seus adeptos, e uma violenta repressão às suas práticas se instalou desde os primórdios, *pari passu* com eventuais criminalizações. Esse quadro atravessou os séculos, chegando aos dias atuais sob a forma de depredações, invasões e incêndios dos seus lugares sagrados, bem como de agressões verbais e físicas aos seus seguidores. Como apontaram Rufino e Miranda (2019, p. 233), “essas ações operam de maneira sofisticada e múltipla atentando contra esferas de conhecimentos tradicionais, de formas de significação, comunicação, interação de mundo e na destruição da comunidade como ponto necessário para a edificação do processo civilizatório”.

Só que, ao contrário do que sempre apreendeu a matriz colonial de poder, tudo o que a arqueologia vem encontrando e que procuramos expor neste artigo atesta a profundidade, sofisticação, beleza e riqueza dos elaborados sistemas de pensamento e de crenças dos africanos que aqui chegaram, vindos de diferentes pontos da África e com referenciais culturais muito distintos, os quais foram transmitidos aos seus descendentes no Brasil. Esses sistemas de pensamento e de crenças constituem a antítese da ideia de primarismo, barbárie e selvageria que foi incutida nas mentalidades ocidentais, onde se encontra profundamente enraizada. Precisamente aspectos que o pensamento decolonial, norteador desta pesquisa (Mignolo, 2010; Mignolo & Walsh, 2018; Quijano, 2014; Maldonado-Torres, 2011), vem trabalhando para desconstruir, ao reconhecer, valorizar e difundir os saberes e crenças dos subalternizados, no caso em tela, afrodescendentes. Que hoje,

aqui e agora constituem paradoxalmente o segmento majoritário do povo brasileiro, o que está a exigir a aceleração do desmantelamento da colonialidade do poder e do saber, ainda em pleno vigor.

## REFERÊNCIAS

- Bandeira, J. & Lago, P. C. do (2009). *Debret e o Brasil*. Obra Completa 1816-1831. Rio de Janeiro: Capivara.
- Chireau, Y. P. (2006). *Black Magic: Religion and the African American Conjuring Tradition*. Berkeley /Los Angeles: University of California Press.
- Fennell, C. C. (2003). Group Identity, Individual Creativity, and Symbolic Generation in a BaKongo Diaspora. *International Journal of Historical Archaeology* 7(1), 1-31.
- Fennell, C. C. (2011). Literate Inversions and Cultural Metaphors in Edgefield Stoneware. *Historical Archaeology* 45(2):156-1662.
- Ferguson, L. (1992). *Uncommon Ground: Archaeology and Early African America*. Washington. D.C.: Smithsonian Institution Press.
- Ferguson, L. (1999). The Cross is a Magic Sign: Marks on Eighteenth-Century Bowls from South Carolina. In Theresa Singleton (ed.), *I Too Am America: Archaeological Studies of African American Life* (p.116-131). Charlottesville: University Press of Virginia.
- Fernandes, N. V. E. (2017). A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. *Calundu* 1(1).
- Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Bunseki (1994). Ntangu-Tandu-Kolo: The Bantu-Kongo Concept of Time. In. Adjaye, J. K. (ed.) *Time in the Black Experience* (p. 17-34). Greenwood Press, Westport.
- Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Bunseki (2001). *Tying the Spiritual Knot: African Cosmology of the Bântu-Kôngo: Principles of Life & Living*. New York: Athelia Henrietta Press.
- Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Bunseki (2003). *Self-Healing Power and Therapy*. Old Teachings from Africa. Baltimore: Imprint Editions.
- Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Bunseki (2006). *Simba Simbi*. Hold Up That Which Holds You Up. Pittsburgh: Dorrance Publ.
- Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Bunseki & Lukondo-Wamba, A. M. (2000). *Kindezi, the kongo art of babysitting*. Baltimore: Imprint Editions.
- França, Jonas (2021). Reflexões sobre humanidade e universalidade nos estudos dos direitos humanos a partir de Bunseki Fu-Kiau. *Calundu*, 5(1).
- Gordenstein, S. L. (2016). Planting Axé in the City: Urban Terreiros and the Growth of Candomblé in Late Nineteenth-Century Salvador/Bahia, Brazil. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage* 5(2),71-101.
- Gundaker, G. (2011). The Kongo Cosmogram in Historical Archaeology and the Moral Compass of Dave the Potter. *Historical Archaeology* 45(2), 176-183.
- Joseph, J. W. (2011). "... All of Cross"- African Potters, Marks, and Meanings in the Folk Pottery of the Edgefield District. *Historical Archaeology* 45(2),134-155.
- Lima, T. A. (2016). A meeting place for urban slaves in eighteen-century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 5(2),102-146.
- Lima, T. A. (coord.) (2020). *Arqueologia Urbana: estudo de uma vizinhança no Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Série Livros Digital 19, 225 p.

- Lima, T. A.; Souza, M. A. T. de; Sene, G. M. (2014) Weaving the second skin: protection against evil among the Valongo slaves, nineteenth century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 3(2),103-136.
- Lima, T. A. & Ribeiro Junior, A. (2021) Nos domínios das entidades das rochas: Arqueologia das pedras de poder e devoção no Rio de Janeiro e em Salvador, séculos XIX ao XXI. *Vestígios*, Revista Latinoamericana de Arqueologia Histórica 15(2),195-230.
- Lima, T. A., Morgado, A. J., Puccioni, S., Amado, N. (2022). Os Estivadores esquecidos: arqueologia do Trapiche da Pedra do Sal, Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*, História e Cultura Material, 30,1-63.
- MacGaffey, W. (1986). *Religion and Society in Central Africa*. The BaKongo of Lower Zaire. Chicago: University of Chicago Press.
- Maggie, Y. (1992). *Medo do Feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Maldonado-Torres, N. (2011). Thinking through the Decolonial Turn: Post-continental Interventions in Theory, Philosophy, and Critique—An Introduction. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, 1(2),1-15.
- Mignolo, W. D. & Walsh, C. W. (2018) *On decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham: Duke University Press.
- Mignolo, W. (2010) *Desobediência epistêmica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad*. Buenos Aires: Del signo.
- Pereira, Gabriel Fortes (2020). Kindezi, the Kongo Art of Babysitting: contribuições da cosmologia bakongo de Bunseki Fu-Kiau para pensar a educação de crianças. Monografia de fim de curso, Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Quijano, A. (ed.) (2014). *Des/colonialidad y bien vivir: un nuevo debate en America Latina*. Lima: Editorial Universitaria.
- Rufino, L., Miranda, M. S. de (2019) Racismo religioso: política, terrorismo e trauma colonial. Outras leituras sobre o problema. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, 10 (2), 229-242.
- Ruppel, T., Neuwirth, J., Leone, M. P., Fry, G. M. (2003). Hidden in View: African Spiritual Spaces in North American Landscapes. *Antiquity*, 77(296), 321-335.
- Santos, T. S. N. (2019). *A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Samford, P. M. (2000). *Power Runs in Many Channels: Subfloor Pits and West African-Based Spiritual Traditions in Colonial Virginia*. Doctoral dissertation. University of North Carolina at Chapel Hill.
- Souza, M. A. T. de. (2000) Ouro Fino. Arqueologia histórica de um arraial de mineração do século XVIII em Goiás. Dissertação de mestrado, Departamento de História, Universidade Federal de Goiás.
- Steen, C. (2011). Cosmograms, Crosses and Xs: Context and Inference. *Historical Archaeology* 45(2), 166-175.
- Symanski, L. C. P. (2006). Slaves and Planters in Western Brazil: Material Culture, Identity and Power. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade da Flórida.
- Symanski, L. C. P. (2007). O domínio da tática. Práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *Vestígios*, 1(2), 9–36.
- Symanski, L. C. P. & Gomes, F. S. (2016). Iron Cosmology, Slavery, and Social Control: The Materiality of Rebellion in the Coffee Plantations of the Paraíba Valley, Southeastern Brazil. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 5:2, 174-197.

Thompson, R. F. (1984). *Flash of the Spirit*. African & Afro-American Art & Philosophy. New York: Vintage Books, Random House.

Thompson, R. F. & Cornet, J. (1981). *The four moments of the sun: Kongo art in two worlds*. Washington: National Gallery of Art.

PRÁTICAS ESPIRITUAIS ESQUECIDAS:  
MEMÓRIA PARA A RESISTÊNCIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS